

Educomunicação e discursos: a fala do adulto noticiada pelo jovem

Bruno Ferreira

Resumo

O presente artigo apresenta os principais aspectos de uma pesquisa realizada para compreender a formação discursiva de jovens em atividades de produção de notícias, conhecidas como coberturas educamunicativas. A discussão indicou fragilidades na metodologia adotada. Frente ao problema, o presente trabalho apresenta uma proposta de intervenção com o objetivo de favorecer a comunicação dialógica e engajada dos jovens participantes deste tipo de atividade.

Introdução

As diversas instâncias sociais com as quais o indivíduo tem contato desde o nascimento auxiliam em sua constituição enquanto sujeito. Para Martín-Barbero, a interação com as situações cotidianas mediadas, com outros sujeitos sociais, instituições, meios de comunicação (entre elas) e seus valores é o que torna o sujeito quem ele é, com suas concepções de mundo, sua personalidade, seus desejos, sua forma de viver e transformar a realidade que o cerca.

É nesse contexto que se torna imprescindível ao educamunicador se deter e problematizar os discursos produzidos e veiculados pelas mídias, pois, apesar de atualmente haver uma multiplicidade de meios de interação, observa-se em geral, o reforço de ideias hegemônicas em vez de sua problematização, inclusive naqueles meios e veículos que se apresentam como alternativas à massificação da comunicação.

São iniciativas contra-hegemônicas que, atualmente, buscam problematizar os discursos conservadores, propondo formas de educação que possibilitam a vivência e o aprendizado de valores sociais que revertem a dominante lógica do capital. Nesse sentido, no âmbito da educamunicação, identificam-se projetos de

organizações sociais e que criam mecanismos para viabilizar a expressão de crianças, adolescentes e jovens a partir do estímulo à produção midiática.

O presente artigo apresenta as principais considerações acerca de uma pesquisa realizada junto à ONG Viração Educomunicação para compreender o processo educativo de uma metodologia desenvolvida pela organização, que a define como cobertura educ comunicativa, uma prática de produção noticiosa realizada com jovens na perspectiva da educomunicação.

Cobertura educ comunicativa

Nesta atividade, orientada por educ comunicadores, jovens atuam como entrevistadores, repórteres e produtores de conteúdo midiático em congressos, conferências e seminários que tratem de direitos humanos, educação, comunicação, entre outras temáticas, noticiando os discursos e acontecimentos com os quais têm contato.

Em geral, as coberturas da Viração acontecem nos seguintes suportes: áudio, vídeo, texto, fotografia e jornal mural, cada qual elaborado por subgrupos de jovens orientados pelos educ comunicadores. De modo semelhante, ocorreu em 2013, a cobertura da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil, em Brasília, da qual participaram 21 adolescentes, cada um oriundo de um estado diferente do país. No total, foram produzidas 12 notícias sobre a etapa global¹⁰⁴ da conferência.

Todos os conteúdos produzidos em coberturas realizadas pela Viração são publicados no site Agência Jovem de Notícias e, em alguns casos, replicados nos sites institucionais ou noticiosos dos órgãos, empresas ou organizações que contratam ou convidam a Viração para a realização das coberturas. Em algumas

¹⁰⁴ Este estudo limita a sua análise à cobertura educ comunicativa da etapa global da conferência, ocorrida entre 8 e 10 de outubro de 2013. No entanto, o mesmo grupo de adolescentes realizou a cobertura da etapa nacional, dois meses antes, também em Brasília.

ocasiões, as coberturas educucomunicativas da Viração são prestações de serviço da organização à entidade realizadora do evento coberto. Para esta pesquisa, escolhemos como objeto de estudo a cobertura educucomunicativa da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil, realizada em caráter de prestação de serviço. Os jovens envolvidos nesta atividade, pela primeira vez, tiveram contato com esse tipo de metodologia ao participarem do evento¹⁰⁵.

Problema de pesquisa

A Viração Educomunicação define cobertura educucomunicativa da seguinte maneira:

As crianças e os adolescentes são protagonistas da cobertura. Apresentarão ao mundo suas opiniões sobre os temas abordados nas conferências e numa perspectiva não comercial da informação, comumente tratada pelos veículos da grande imprensa cuja natureza é empresarial. Aprenderão a fazer o planejamento de uma cobertura, a levantar dados para suas produções (texto, ilustração, áudio, vídeo, fotografia) a debater suas opiniões, a perceber a importância dos momentos de escuta, a se comunicar com as pessoas, principalmente as que não estarão nos eventos, pensando em como mobilizá-las. (VIRAÇÃO, 2013)

Dessa forma, o questionamento que orientou a pesquisa teve relação com a condição de prestação de serviço da organização a uma entidade contratante e a (suposta) liberdade de expressão dos jovens neste contexto. Assim, pergunta-se: nessa relação contratual, seria possível e permitido ao jovem elaborar um discurso crítico, problematizador e independente por meio de linguagens midiáticas, uma vez que a cobertura educucomunicativa - na ocasião da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil - foi uma prestação de serviço da Viração?

¹⁰⁵ Os jovens que participaram da cobertura educucomunicativa da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil tiveram, pela primeira vez, contato com uma atividade de Educomunicação, diferentemente de outros jovens que participam de atividades de formação continuada com educucomunicadores da Viração ou que integram sua rede de colaboradores jovens, presente em 20 estados brasileiros e no Distrito Federal, que esporadicamente também participam de coberturas educucomunicativas.

Hipóteses

Para problematizar a questão, elencamos algumas hipóteses:

- (1) A cobertura educomunicativa é uma instância da comunicação institucional do evento e, como tal, reforça o discurso oficial;
- (2) Os conteúdos produzidos nas coberturas de eventos institucionais reproduzem os discursos oficiais e, no contexto das notícias produzidas, não são reelaborados, questionados ou problematizados;
- (3) Os jovens não imprimem uma identidade efetivamente jovem ao assumirem o papel de comunicadores em um evento predominantemente adulto e, dessa forma, a mobilização de outros jovens para a temática do evento coberto fica comprometida;
- (4) Os educomunicadores atuam mais no sentido de orientar a produção midiática, com vistas aos conteúdos a serem produzidos, do que no auxílio à interpretação e compreensão da fala do adulto, para que o jovem construa um discurso próprio por meio de linguagens midiáticas.

Procedimentos metodológicos

A técnica utilizada nesta pesquisa foi o Estudo de Caso, tendo a Análise do Discurso como ferramenta para a interpretação de dados. No contexto da pesquisa, foram entrevistados: (1) gestores da Viração Educomunicação com o intuito de compreender a concepção metodológica de uma cobertura educomunicativa, (2) três adolescentes que participaram da cobertura da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil e (3) quatro adolescentes de São Paulo, que não têm ligação com a Viração, com os quais realizamos uma pesquisa de recepção de um conteúdo em vídeo produzido durante a cobertura do evento pelos jovens, com o objetivo de compreender o potencial informativo,

dialógico e mobilizador dos conteúdos produzidos durante a cobertura educucomunicativa.

Principais considerações

Observou-se, de fato, que a cobertura educucomunicativa foi, em certa medida, uma instância da comunicação institucional do evento. Os próprios gestores da organização afirmaram que sempre há parceria entre a Viração e os realizadores do evento que fica evidente para o público, especialmente para quem participa do evento. Essa parceria em torno da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil evidenciou-se no boletim impresso produzido nesse contexto, que apresenta em seu rodapé os logotipos do governo federal, Organização Internacional do Trabalho (OIT) – organizadores do evento – e da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil, dispostos ao lado dos logotipos do site Agência Jovem de Notícias e da Viração Educomunicação.

Analisando-se os conteúdos do boletim, observa-se outro aspecto de oficialidade: textos no formato de dito relatado, uma definição de Charaudeau (2013) para notícias que se limitam a reportar o discurso de um personagem a quem, por alguma razão, pretende-se dar notoriedade. Nos dois números do boletim impresso, foram publicadas seis notícias, das quais quatro ativeram-se a reportar discursos de personalidades ligadas ao governo federal e à OIT. O outro conteúdo do boletim também reflete uma relação de institucionalidade. Trata-se de uma nota sobre a própria cobertura educucomunicativa, viabilizada pelo governo.

Observou-se, no entanto, que a reprodução do discurso oficial não é uma orientação dos educucomunicadores ou de um acordo pré-estabelecido entre Viração e contratante. Trata-se de uma dificuldade de reelaboração por parte do jovem, que ateuve-se a reproduzir o que ouviu no contexto do evento.

Essa reprodução acontece ainda nos materiais em vídeo produzidos durante a cobertura. A maior parte deles são entrevistas em que uma adolescente de 15 anos desempenha o papel de entrevistadora. Em cada vídeo, ela dirige uma ou duas perguntas a um adulto. Um dos vídeos produzidos durante a cobertura foi usado na pesquisa de recepção com quatro adolescentes de São Paulo, que apesar de terem achado importante um material que chame a atenção para a questão do trabalho infantil, não se identificaram com o seu conteúdo. Classificaram o vídeo como “sério”, dirigido a um público “mais adulto” e sequer reconheceram a entrevistadora como uma adolescente.

É evidente que a idade da entrevistadora é um aspecto subjetivo. Por esse motivo, foi questionado aos adolescentes por que motivo atribuíram a ela, durante a pesquisa, uma idade superior a que ela tinha na época da cobertura. Todos os jovens indicaram o estranhamento com relação ao fato de uma adolescente exercer a função de entrevistadora.

Isso remete ao conceito de *ethos*, em Barthes (*apud* Maingueneau, 2013). A adolescente, no momento em que estava diante da câmera, com microfone em mãos deixava de ser adolescente e passava a ser comunicadora, saltando aos olhos de quem assiste ao vídeo a imagem convencional de repórter televisiva. Dirigindo-se ao outro – ou seja, aos receptores da entrevista ou ao próprio entrevistado adulto –, a adolescente adotou “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa a sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume para se apresentar (...)” (BARTHES *apud* MAINGUENEAU, 2013, p. 107).

Dessa maneira, foi possível perceber que o ecossistema comunicativo fundamentado na produção noticiosa não garante o diálogo e o entendimento do discurso do adulto por parte do jovem comunicador, de acordo com a concepção de Bakhtin/Volochinov (2002) e Freire (2011). Promove, por outro lado, a “incomunicação”, conceito de Wolton (2011). A adoção do *ethos* de comunicador

pelos adolescentes no contexto da cobertura – em vez da sua desconstrução ao longo da atividade pelos educadores – talvez tenha colaborado para esse distanciamento entre comunicação jovem e jovens receptores.

A fala de uma das jovens participantes da cobertura educadora explicita que a atividade não reforça a necessidade de o jovem se posicionar como tal, mas apenas a necessidade de noticiar quem protagoniza, de fato, a conferência sobre trabalho infantil: o adulto. A Educação é entendida por Thamires Rozendo, uma das jovens participantes da cobertura, como forma de se comunicar com os adultos como *“se a gente fosse da mesma – como é que eu posso dizer? – sociedade, como se fosse de adulto para adulto”*, afirmou.

Observa-se, desse modo, que a facilitação do educador direciona-se ao exercício de práticas midiáticas e não, especificamente, à compreensão e debate acerca da fala do adulto. Como consequência, a linguagem técnica do adulto não foi transformada pelos jovens comunicadores, prejudicando a sensibilização de outros jovens para a questão do trabalho infantil.

Proposta de intervenção

A partir das percepções possibilitadas pela pesquisa, propomos uma mudança metodológica em que os educadores não apenas facilitam o processo de produção, mas, principalmente, promovem e mediam momentos de troca e compreensão coletiva dos discursos, o que aumenta a possibilidade de criar conteúdos mais reflexivos, profundos e mobilizadores.

A problematização dos discursos promove a autonomia do jovem, que poderá estabelecer um diálogo efetivo com o adulto, em vez de apenas dirigir-lhe perguntas. Os conteúdos críticos e/ou analíticos serão fruto da compreensão coletiva.

Considerações finais

O problema identificado inicialmente como sendo a condição de prestação de serviço da Viração ao governo federal e OIT revelou-se, ao longo da pesquisa, como um falso problema. A fragilidade da cobertura educacional da organização incide, como demonstra os resultados da pesquisa, em sua metodologia, que não consegue desconstruir o discurso do adulto para que os jovens, de modo coletivo, o reconstruam em um novo discurso, com identidade efetivamente jovem e manifesto em produtos midiáticos capazes de fazer com que outros jovens se identifiquem com a linguagem e se sensibilizem para a temática reportada no contexto de uma cobertura educacional.

Referências

BAKHTIN, Michail; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec: 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto: 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra: 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez: 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas: 2012.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulinas: 2011.

Autor



Bruno Ferreira é jornalista graduado pela Universidade Metodista de São Paulo e especialista em Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, pela ECA/USP. Atua desde 2011 como educador da ONG Viração Educomunicação e desde setembro de 2014 é professor de Comunicação de Ensino Técnico no Senac SP. É idealizador e editor da Revista Caravela, uma publicação eletrônica semestral sobre direitos humanos e sociedade, temas abordados numa perspectiva artística e literária. Contato: brunoferreira.contato@gmail.com

